

Divergência dificulta negociação

Brasil e credores divergem. E estes se desentendem sobre a data do rateio

MOISÉS RABINOVICI
Nosso Correspondente

WASHINGTON — Uma fonte das negociações da dívida brasileira afirmou, ontem, que não se deve esperar um acordo para hoje, nem para amanhã, "porque ainda existem pontos de desacordo entre o Brasil e seus credores, e também entre os próprios credores".

Um dos desacordos entre os credores é a data-base que vai prevalecer para o rateio do dinheiro novo a ser fornecido ao Brasil. "O percentual de cada banco varia em função do que venderam em papéis brasileiros. Os que não venderam querem que a data-base seja a do início do processo, 1983, porque daí não se estará premiando os que venderam, que querem que a data-base seja mais recente", disse uma fonte.

O problema das garantias do Banco Mundial, exigidas pelos credores japoneses, recebeu sinais, em Washington, de que está sendo

equacionado. Os sinais estão na disposição do Banco Mundial de aprovar o total de US\$ 1,1 bilhão até o final de junho, repartido entre os seguintes projetos: administração de portos, US\$ 20 milhões; setor de irrigação, US\$ 300 milhões; crédito agrícola, US\$ 300 milhões; distribuição de gás natural, US\$ 100 milhões; água e esgoto para municípios de baixa renda, US\$ 80 milhões; e agro-indústria, US\$ 300 milhões.

Estes empréstimos, que vão ser apresentados à diretoria do Banco Mundial para uma aprovação considerada praticamente certa, constituem o que está sendo chamado de "financiamento paralelo", permitindo que os bancos comerciais façam simultaneamente algum desembolso. Dois outros projetos setoriais, o elétrico e o agrícola, cada um de US\$ 500 milhões, já se enquadram no co-financiamento. Mas ainda falta saber se os credores japoneses aceitarão este substituto às garantias que queriam.

A fonte das negociações em Nova York informou, ainda, que a questão do vínculo entre o pacote de US\$ 5,2 bilhões e um programa com o FMI "avançou um pouco, mas continua na mesa, para discussão". Acrescentou que a questão da penhora liminar "está na mesma". Essa mesma fonte considerou curioso ler uma notícia sobre o final das negociações que ainda não acabaram. "Alguém entendeu que tinha acabado", comentou.

Um jornal americano acabou anunciando o fim das negociações, ontem, trocando a matéria de seu repórter por um telegrama precipitadamente divulgado por uma agência de notícias. Rindo da confusão, um banqueiro disse: "Mesmo que seja anunciado um acordo, hoje, ele não significará muito, enquanto não for aprovado pelos credores, no mundo todo. O que se vai anunciar é um projeto para o acordo. No pacote interino, no final do

ano, quase se chegou a um rompimento, depois de tudo acertado, porque um banco do Kuwait não queria mais assiná-lo".

SEM IMPORTÂNCIA

Para este banqueiro, o Brasil está perdendo a importância junto a alguns de seus credores, numa tendência que pode até se generalizar. Segundo ele, alguns bancos estão reduzindo ao mínimo o seu "território brasileiro". E acrescentou:

"Estou sabendo que o American Express International Banking praticamente liquidou o seu time de Brasil. O Chemical, o Manufacturers Hanover, o Irving e o Marine Midland reduziram suas equipes. Quem mantém os departamentos de Brasil está baixando o nível de seus funcionários, sem manter mais grandes cargos. Isto me faz pensar que o Brasil está perdendo o poder e pressão desde que os bancos criaram maiores reservas, no ano passado, impulsionados, principalmente, pela moratória brasileira".